

## **Telejornalismo: Influências e Heranças Dos Anos 90<sup>1</sup>**

Vitor Curvelo Fontes BELÉM<sup>2</sup>

Universidade Tiradentes, Aracaju-SE

### **Resumo**

O trabalho apresenta um breve mapeamento de documentos publicados na imprensa escrita brasileira, que tratam da temática televisiva na década de 90. O propósito é analisar o material, entre notícias, reportagens, editoriais, colunas especializadas, entre outros, para refletir sobre o gênero, as mudanças e heranças no padrões das emissoras, identificando a partir do Aqui Agora os elementos desse processo. Com isso, espera-se contribuir para o entendimento de aspectos residuais e hegemônicos do telejornalismo brasileiro.

**Palavras-chave:** gêneros jornalísticos; informação; telejornalismo; técnica.

### **1. Introdução**

A televisão é meio de comunicação de maior abrangência no Brasil. Está presente na maioria dos domicílios e é uma das principais opções de entretenimento e de informação da grande maioria da população. Ao longo do seu surgimento a mídia inovou, articulando e integrando diversos recursos de outros gêneros até a criação de uma identidade própria.

Raymond Williams (1997, p. 22) destaca o papel da televisão não apenas como uma tecnologia, mas também como uma forma cultural; e o jornalismo, uma instituição social. Assim, o telejornalismo orientou-se pelas demandas do público para manter-se num espaço privilegiado na programação da televisão. Para isso, a linguagem e o formato do gênero passaram por diversas transformações, desde a influência do rádio até o surgimento dos padrões para TV.

Nesse processo, a notícia deve ser entendida não somente como informação, mas como produto de consumo. Portanto, telespectadores e anunciantes também são elementos definidores de gênero. Conforme Hall (1993, p.224-226),

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Tiradentes, UNIT/SE; e-mail: vitor\_belem@hotmail.com.

[...] a construção da notícia deve ser vista como um processo de inserção e identificação das ocorrências dentro de um contexto social significativamente compreensível, pois, um acontecimento só faz sentido se se puder colocar num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais.

É diante desses processos socioculturais que se deram as transformações dos gêneros jornalísticos ao longo do tempo. Para Irene Machado (2001), “os meios se diversificaram e tornaram-se mais complexos; os modos de organização das mensagens se transformaram e, conseqüentemente, novos formatos surgiram”. Assim, em meio a essa contexto, deve-se considerar ainda o surgimento de novos códigos, linguagens e mídias.

[...] o jornalismo brasileiro tem uma fisionomia entrecortada por múltiplas diretrizes, algumas convivendo contraditoriamente no estilo que nos trouxeram os portugueses, outras que chegaram através dos processos de comunicação intercultural implícitos nos movimentos migratórios, e também aqueles que emergiram das situações de dependência tecnológica e econômica que incluem no seu bojo alterações simbólicas fundamentais" (MARQUES DE MELO, 2003)

Na televisão a categoria informação abrange várias subcategorias - telejornal, documentário, entrevista, debate. E justamente nessa multiplicidade de gêneros, que estimula a experimentação de novos formatos, o jornalismo se faz presente também em programas híbridos.

Para o estudo do tema, este trabalho adota a classificação proposta por SOUZA (2004), que identifica na programação da televisão brasileira cinco categorias: informação, educação, entretenimento, publicidade e outros. Neste trabalho ressaltaremos a categoria informação, em um período específico de mudanças, início dos anos 90, que refletem como determinadas características do gênero telejornal circularam e se readaptaram entre os produtos jornalísticos, tendo como base o Aqui Agora (SBT).

Mais do que uma reflexão sobre o gênero, a pesquisa busca caracterizá-lo a partir de um mosaico histórico, por meio de registros da imprensa brasileira, tendo como base o “Banco de Dados TV-Pesquisa”.

## **2. Tensionamento de estratégias: Aqui Agora**

Com um jornalismo ainda incipiente, o SBT iniciou na década de 90 a investir nesse gênero, como estratégia para atrair o público. Como não havia identidade do telejornalismo, a emissora de Sílvio Santos não inventou novas fórmulas a princípio. O SBT contratou profissionais da concorrente, a TV Globo, que já tinham experiência e a credibilidade de um jornalismo líder de audiência. Desta forma conseguiria atrair a audiência com um padrão consolidado e dominante.

No ano de 1988 o SBT lançou o primeiro noticiário com a figura de um âncora, o *Telejornal Brasil* (TJ Brasil). O modelo de um apresentar com múltiplas funções já havia sido testado com sucesso nos Estados Unidos. A aposta articulou a inovação à credibilidade, com o contrato do jornalista Boris Casoy, profissional já consagrado no jornalismo impresso que se tornou diretor, apresentador e comentarista. O padrão conquistou o público e ajudou a emissora a se tornar vice-líder de audiência no país. Telejornais de outras emissoras passaram por reformulações para acompanhar as mudanças. *Jornal da Bandeirantes*, *Jornal da Cultura* e *Jornal Nacional* são exemplos de noticiários, que de forma direta ou indireta, alteraram o formato. A partir de então o âncora se tornou característica hegemônica.

Mesmo líder de audiência, a Globo seguiu a tendência das transformações, que estavam dando certo nas emissoras concorrentes. Até então a postura oficial era “acrítica”. A rede carioca não alterou o padrão dos apresentadores, mas incluiu uma equipe de comentaristas no *Jornal Nacional*. Portanto, diferentemente do SBT, as opiniões eram de responsabilidade de profissionais especializados. Assim, agradou-se a audiência agregando características da concorrência que foram adaptadas. Conforme Bourdieu (1997) argumenta, trata-se de uma estratégia na disputa entre a concorrência; e é nesse contexto em que o público passa a ter influência na produção de conteúdo.

[...] assim como o campo político e o campo econômico, e muito mais que o campo científico, artístico ou literário ou mesmo jurídico, o campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos vereditos do mercado, através da sanção, direta, da clientela, ou indireta, do índice de audiência (ainda que a ajuda do Estado possa assegurar certa independência com relação às pressões imediatas do mercado) (BOURDIEU, 1997, p. 106).

JN e TJ Brasil eram telejornais de padrões dominantes, de estilo e estética formais, mas a direção do SBT logo percebeu que o público da emissora tinha um perfil diferente da Globo e que seria necessário um produto jornalístico com linguagem mais popular. É nesse

contexto que surge em 1991 o telejornal *Aqui Agora*. O nome foi originado de um programa exibido em 1979 na TV Tupi, o *Aqui e Agora*. Da passagem de programa à telejornal, entre os anos de 79 e 91, houve muitas transformações. A primeira versão da Tupi era um programa de utilidade pública, baseado em entrevistas, debates de casos reais e serviços com a presença de especialistas, como médicos que atendiam pessoas no estúdio. Pelo programa passaram vários apresentadores, como Wagner Montes e Christina Rocha. Como a Tupi passava por uma situação financeira ruim, muitos funcionários tiveram salários atrasados. A situação despertou o interesse de Silvio Santos que acabou contratando parte da equipe do programa. Na década de 1980, o SBT lança o programa *O povo na TV*. Era basicamente o mesmo gênero, com os antigos apresentadores, mas em uma nova emissora. Durou apenas 2 anos e a equipe foi remanejada para outros produtos da emissora. Dez anos depois Silvio Santos reúne mais uma vez a equipe para lançar o reeditado *Aqui Agora (AA)*. E as mudanças não se resumiram a exclusão do “e” do título anterior.

*Aqui Agora* é lançado como telejornal, sem perder o apelo popular já associado ao nome e aos apresentadores. Uma aposta de uma “fórmula” que já havia feito sucesso, agora em um produto readaptado, que tencionava elementos de diferentes temporalidades do jornalismo praticado em diversas mídias. O telejornal tinha um estilo sensacionalista, com grandes influências da linguagem radiofônica – valorização de ruídos, ritmo, efeitos sonoros, etc. Apresentava notícias de todos os tipos de editorias e assim como os demais tinha correspondentes internacionais, mas se diferenciava no jeito de transmitir os fatos. O slogan apontava para a ideia de alternativo: “um jornal vibrante, uma arma do povo, que mostra na TV a vida como ela é”. Sobre essa proposta, a jornalista Maria Ester Martino comenta:

Se os temas de apelo são seu “pulo do gato”, ousado pesado de recursos como sonorização de reportagens, planos-sequência e caracteres - vistos antes apenas em tentativas tímidas de telejornalismo alternativo dão ao programa uma marca inconfundivelmente televisiva. Ambas as frentes de ataque - linguagem e temas - estavam nos planos do departamento de Jornalismo do SBT quando, em 90, decidiu-se pela criação de um jornal “popular”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1992).

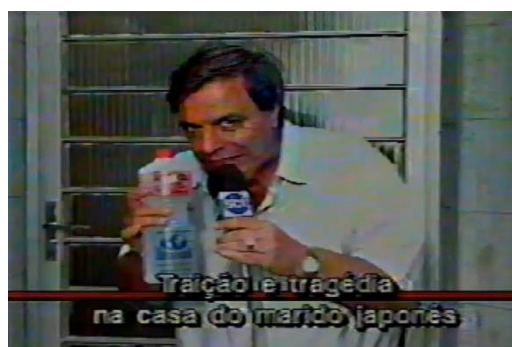
As reportagens policiais predominavam, com direito a muitos flagrantes, denúncias e ação. Esse era o grande diferencial do telejornal. As reportagens eram gravadas na íntegra, com poucos cortes, imagens em movimento e com o repórter narrando os fatos, recursos

que davam mais realismo aos fatos. Não havia muito zelo pela qualidade das imagens; o importante era mesmo acompanhar o passo a passo dos acontecimentos, passando a ideia de instantaneidade e emoção.



**Figura 1** Planos-sequência e caracteres, marcas do *Aqui Agora*

Em uma reportagem sobre a prisão de um traficante em São Paulo, exibida no primeiro ano do telejornal, é possível perceber essas características definidoras do estilo. O repórter começa narrando os fatos dentro do carro da polícia. Sem cortes ou formalidades, ele dá a impressão de se confundir com os policiais. A narrativa não para durante toda a operação. O repórter segue a perseguição dos policiais a pé e com o áudio sempre ligado mostra-se ofegante. As imagens são feitas pelo próprio repórter, que acompanha cada detalhe de perto e o descreve. Por vezes o repórter chega a interrogar o preso: “Você é viciado? Qual que é?”. Aparentemente a edição se encarrega apenas de colocar os caracteres sobre as imagens, que nesse caso chamava a atenção do telespectador e davam uma dimensão maior ao fato, tratando a prisão de um usuário de drogas como uma “Corrida maluca caça o rei das drogas da Lapa”.



**Figura 2** Gil Gomes, o cronista policial

As notícias policiais ganhavam o tom de suspense nas reportagens de Gil Gomes. O repórter do rádio ganhou espaço na TV com o *Aqui Agora*. Era um verdadeiro cronista policial, que reconstituía crimes e narrava cada detalhe do acontecido como se fosse uma trama de terror. A linguagem radiofônica, o tom de suspense e os efeitos sonoros diferenciava as reportagens de Gil Gomes de qualquer outra produzida no país.

Gil Gomes diz que o que faz não é televisão, "é rádio com imagens". Para ele, o sucesso do "Aqui Agora" se deve ao fato do jornal ser o único, entre os produtos do gênero, que procura "entrar no clima" das reportagens. "E agora está aí: o que no começo todo mundo falava que era mundo cão, hoje é matéria no 'Jornal Nacional' e no 'Fantástico'." (FOLHA DE SÃO PAULO, 1992).

Imagens tremidas e sequenciais, o câmera-repórter, a narração em "tempo real" e os defeitos técnicos imprimiram o tom de realidade aos fatos. Esse era o estilo do telejornal, com fórmulas que não foram criadas, mas associadas, readaptadas.

O efeito colateral do uso de sonorizações, material bruto, tempo real, longos planos sem corte e imagens captadas com luz insuficiente acaba sendo, paradoxalmente, a referência à ficção - em especial a filmes e seriados "de ação". "E o que funciona é isso. Aventura, ação. Sirene, carro derrapando", diz Albino. "Afinal, a gente concorre com novela". (FOLHA DE SÃO PAULO, 1992).

Os recursos da ficção ainda haviam sido testados amplamente no telejornalismo. Em outras emissoras, esses elementos alternativos não eram sinônimos de qualidade, portanto reportagens deste tipo dificilmente iriam ao ar.

Deu certo e o estilo sensacionalista se mostrou como uma grande ruptura com os padrões consolidados de telejornalismo no país. Alguns elementos dominantes foram incorporados ao gênero, como figura do apresentador na bancada, só que desta vez multiplicado; eram seis pessoas na bancada. O telejornal também inovou, sendo pioneiro no Brasil, no uso do gerador de caracteres em manchetes. Com textos sobrepostos às imagens, o apelo popular e o suspense eram ainda maiores.

A proposta da equipe era romper com o formato norte-americano, que apresentava as notícias com base no OFF, na sonora e na passagem. Padrão este adotado e consolidado no país pelo *Jornal Nacional*, da TV Globo, e pela própria emissora, com o *TJ Brasil*. Para

o diretor do SBT, Marcos Wilson, faltava veracidade nas histórias que eram mostradas por esse telejornalismo.

O Aqui e Agora é um telejornal de repórteres e não de âncoras, feito com uma câmera aberta, com jornalistas participando na notícia sem o gesso de um texto decorado e de poses ensaiadas, que é o modelo do telejornalismo americano copiado pela nossa televisão, disse Marcos Wilson. (JORNAL DO BRASIL, TV PROGRAMA, 26 DE JANEIRO DE 1992).

O Jornal Nacional já era modelo no país de um padrão importado dos Estados Unidos. Foi primeiro noticiário a ser transmitido para todo o país, sendo o primeiro a apresentar reportagens em cores e também a transmitir imagens internacionais no via satélite. Inovação que contribuiu para consolidar esse padrão e do ponto de vista desse, o que se produzia no SBT era algo desorganizado, amador.

As reportagens da Globo, seja no JN, no Jornal Hoje ou no Bom Dia Brasil, seguiam o padrão do OFF, sonora e reportagem, com imagens em takes, limpas e nítidas. Era um trabalho com qualidade comparável às redes internacionais de televisão. Contudo era inegável que o formato popular estava conquistando o público, por isso as mudanças inevitavelmente foram impostas. Para Williams (1979, p. 115-116), a hegemonia também sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões. Cedendo às pressões internas e externas e jornalismo foi mudando e inovando.

Em 1991, a repórter Marília Martins, do Jornal do Brasil, comenta sobre as influências em torno dessas mudanças, resultantes da briga pela audiência.

[...] Só que a emissora paulista tem ânsias de competir com a Globo. Para tanto, seria preciso uma mistura muito bem dosada entre um formato e outro de jornalismo, o que o Aqui, agora está longe de tentar conseguir. Essa mistura é o que o Jornal nacional vem buscando, mesmo que seja preciso rasgar o seu próprio manual de redação para incorporar doses de sensacionalismo. É bom não esquecer que o JN ainda é o campeoníssimo da programação brasileira (mesmo ficando com média entre 44 e 52 pontos no Ibope, tem o triplo do "pico do Aqui agora). (JORNAL DO BRASIL, 1991, MARÍLIA MARTINS).

Exemplo da “mistura” a qual a jornalista se refere foi a cobertura da Globo durante a Guerra do Golfo. Aproveitando-se da vantagem técnica, a emissora investiu nas coberturas

ao vivo e externa. Durante a guerra, os repórteres falavam diretamente de diversas partes do mundo, dando um panorama mais amplo dos fatos. Estratégia esta que para a teoria cultural de Raymond Williams configurava-se como emergente.

Da combinação técnica ao formato. Em 1992, o Jornal Nacional fez uma grande cobertura sobre o assassinato da atriz Daniela Perez pelo ator Guilherme de Pádua. Assunto de grande repercussão na época, rendeu diversas reportagens e aproximou realidade à ficção, seja pelos próprios fatos ou através dos recursos midiáticos.

Guilherme e Daniela protagonizavam a novela da Globo “De corpo e alma”, escrita por Glória Perez, mãe de Daniela. Eles interpretavam um casal que estava em crise por causas de ciúmes por parte dele. A história de amor da TV chegou ao fim, com o assassinato da atriz pelo colega de trabalho. O fato despertou a atenção da sociedade e os jornalistas procuraram desvendar cada detalhe do crime. Foi assim com a cobertura do Jornal Nacional. Em uma das reportagens o jornal trouxe a reconstituição do crime feita por atores. Salienta-se, um recurso já utilizado pelo SBT em reportagens, mas que na Globo ainda se restringia às telenovelas.



**Figura 3 Reconstituição: recurso da ficção para contar a realidade**

As narrativas melodramáticas da realidade mais lembravam a novela protagonizada pelos atores na ficção. As reportagens aproximavam os dois mundos, e apontavam semelhanças entre os personagens e os atores. Em quase todas as matérias foi clara a caracterização negativa de Guilherme em oposição ao tom positivo no trato com Daniela. Era como se o telejornalismo da emissora tivesse dado continuidade a uma história que havia se tornado realidade. E nesta etapa da “trama”, o apelo a uma narrativa moralizante foi realizado com os recursos já disponíveis, mas ainda não testados pelos jornalistas.

A inovação técnica fazia o estilo Gil Gomes no padrão Globo de jornalismo. E a cobertura não se limitava a noticiar o crime, mas assumia posições criando um verdadeiro



tribunal no jornal. Poucos assuntos tiveram tanto destaque no jornal, que chegou a render mais de quatro reportagens em uma mesma edição. Apelo social ou compromisso com a informação? Pode-se considerar um pouco de tudo e o fato é que a cobertura evidenciava um tema comum à população e assim a emissora procurava se distanciar do estigma de ser uma rede oficialista.

### 3. Considerações finais

De certa forma percebe-se que as transformações vivenciadas pelo telejornalismo no início dos anos 90 é consequência da popularização da programação e a consequente disputa pela audiência. Entende-se portanto um processo histórico do gênero, influenciado também por mudanças sócio-políticas no país.

Certamente muitas mudanças aconteceram desde o primeiro telejornal até hoje, mas foi no início de anos 90 que as transformações, seja do ponto de vista do conteúdo quanto do ponto de vista infraestrutural, apontaram para a popularização do conteúdo. Readaptando formatos para as classes C, D e E, o SBT pode ser considerado como uma força determinante que provocou mudanças do gênero. Apesar da barreira imposta pelo padrão Globo de qualidade, a emissora carioca teve que ceder às mudanças do mercado. Mesmo líder em audiência, as amarras estéticas da Globo se fragilizam diante da concorrência, que conquistou parte do público que ainda não se identificava com a programação.

Até então *Jornal Nacional* era padrão de jornalismo de qualidade. Não se questionava a posição, mas nas primeiras iniciativas competitivas houve mudanças em formatos e linguagens do telejornalismo com um todo. *Aqui Agora* revelou que ingredientes populares podiam tornar o jornalismo mais emocionante. A difusão de estratégias popularescas circularam entre diversos telejornais da década, como o *Cidade Alerta*.

Esse processo mudou as estruturas produtivas e provocou a (des)uniformização dos conteúdo informativos. Aos poucos telejornais deixaram de ser muito semelhantes, para se tornarem segmentados de acordo com o público. Assim, recursos se renovaram e muitos deles permanecem até hoje como elementos residuais no telejornalismo, mesmo que adaptado aos novos contextos. Assim é que o *Jornal Nacional* se renovou, mantendo aspectos residuais e hegemônicos, além de agregar aspectos emergentes. O *Aqui agora* que despontou na década como alternativo, revelou elementos que se tornaram emergentes no

telejornalismo como um todo. Portanto, nesta breve reflexão sobre o gênero, destac-se o hibridismo de um produto que alia, predominantemente, informação e opinião.

### **Referências bibliográficas**

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão, seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HALL, Stuart. [et al.]. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org.) Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Veja, 1993.

MACHADO, Irene. Por que se ocupar dos gêneros? Revista Symposium: publicação da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, ano 5, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 2001.

MARQUES DE MELO, José. Jornalismo Brasileiro. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. Gêneros e formatos na Televisão Brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e Literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. Television. Technology and Cultural Form, 2ª, London: Routledge, 1997

### **Periódicos**

Jornal do Brasil. in: Banco de dados TV-Pesquisa PUC-Rio <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br>>. Acesso em: 15 junho 2014.

Folha de São Paulo. In: Banco de dados TV-Pesquisa PUC-Rio <<http://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br>>. Acesso em: 15 junho 2014.